

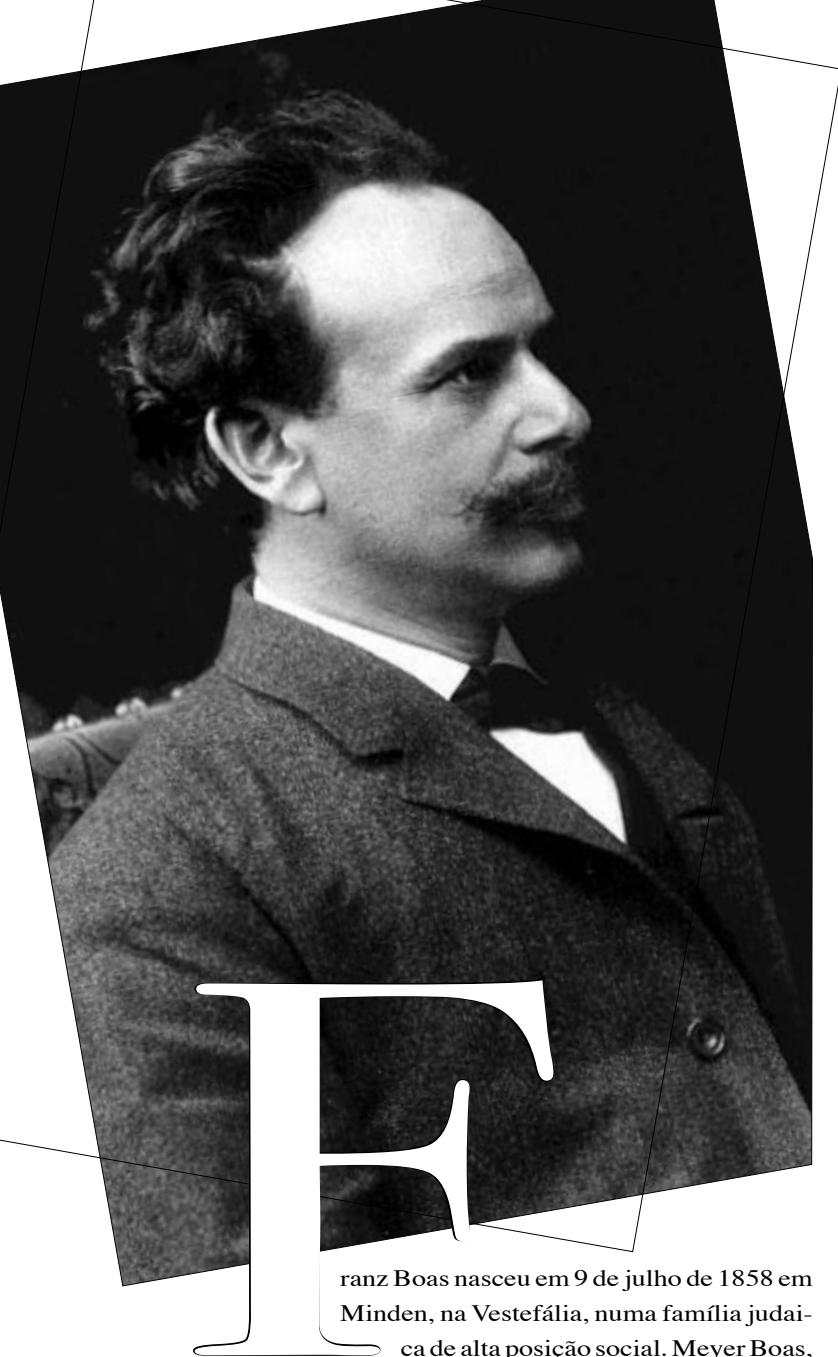
MARGARIDA MARIA MOURA



FRANZ BOAS

**MARGARIDA MARIA
MOURA** é professora do
Departamento de Antropologia
da FFLCH-USP.

**A antropologia cultural
no seu nascimento**



Franz Boas nasceu em 9 de julho de 1858 em Minden, na Vestefália, numa família judaica de alta posição social. Meyer Boas, seu pai, era comerciante, e sua mãe, Sophie Boas, fundou o primeiro jardim-de-infância da cidade. Nas suas reminiscências, sua irmã Hedwig Lehmann contou como se orgulhava de seu irmão mais velho, que a levava sempre que ia herborizar nas cercanias da casa de campo da família, próxima a Minden, na Vestefália. A amizade de irmãos fundia-se como o amor à natureza, uma vocação de meninos, que se deleitavam nos belos espaços abertos dessa região da futura Alemanha, cheia de bosques e retiros, um rio caudaloso e de muitas corredeiras.

Na casa urbana da praça principal da cidade, as atividades eram principalmente literárias e musicais. Tocava-se o piano

naquela casa, gosto que o herborista também cultuava, graças a uma preferência marcante pelo *Cravo Bem Temperado* de Johann Sebastian Bach e também por Wolfgang Amadeus Mozart, com o que, ainda jovem, tornou-se exímio executante desse instrumento, usando-o em quase todos os momentos de lazer, não só por higiene mental, mas sobretudo pelo quanto amava a música. Na casa de campo – como contou a irmã – havia ânsia de ar livre, que se alongava em caminhadas até as margens do Rio Weser, onde os irmãos conversavam e também observavam o rico meio ambiente de fauna e flora, fazendo ali diversas coletas e herborizações.

Único irmão entre três irmãs, Franz era muito mimado. Sophie e Meyer, seus pais, imaginavam desde cedo maravilhas naquele menino, para o qual almejavam a profissão de médico, que lhe daria bom sustento, além da oportunidade de servir e se comunicar socialmente. Talvez não percebessem no filho mais o descobridor do que o clínico, mais o pesquisador do novo do que o leitor atualizado de revistas de medicina.

Entre as duas casas da família, a da cidade e a do campo, foi crescendo devagar em saúde e inteligência, olhando os paralelepípedos da praça central de Minden ou o bosque nos fundos da outra casa, que traziam, além da visão, o cheiro, o tato e o gosto de mundos conhecidos desde a meninice. Descobridor da natureza, pesquisador de um mundo natural povoado de insetos, aves, pequenos mamíferos e peixes, era também um espírito questionador, nas aulas de filosofia, já nos anos do *Gymnasium*. Apaixonou-se por Goethe muito cedo; adolescente, leu o teatro grego, a poesia e a filosofia, tanto as clássicas quanto as contemporâneas.

Corria o ano de 1874. As diferenças étnico-religiosas já fervilhavam, entre judeus e não-judeus, na jovem Alemanha recentemente unificada. Desprendido do aconchego uterino da casa familiar, o jovem Boas experimentou o preconceito do anti-semitismo à luz do dia. Debates sem fim ocorreram nos corredores e pátios da universidade sobre o papel e a posição dos

judeus na nova nação. O espírito cristalino do jovem evocava incessantemente as idéias da democracia e da igualdade. Afinal, ele nascera num lar entranhado nos ideais da Revolução de 1848, que eram justamente os da abolição definitiva das desigualdades estamentais, classistas e também étnico-religiosas.

Sua jovem Alemanha já nascera rancorosa e rançosa. De um conservadorismo decadente, que contrariava em tudo os ganhos políticos da Europa de 1848. Para um jovem espírito livre letrado e aberto – na expressão que ele bem conhecia por já haver lido os primeiros escritos de Wilhelm Dilthey –, chegava o momento de uma transição ainda mais notável, que o poria em contato com idéias novas, conflitante com a velha ordem estamental em decomposição, que o oprimia.

Foi para Bonn vivenciar os anos universitários. Não estudou muito, ao que parece, nesse início de período. Sendo aceito na fraternidade à qual se filiavam os bons alunos dessa universidade, atuou no âmbito dos ideais civis e políticos, participando de debates internos. As causas de caráter histórico, como explicativas das ações humanas, acendiam sua imaginação. Para isso mesmo, sua inteligência e brilho chamavam atenção nas salas de aula. Retornou com afinco para a filosofia sob a orientação de Bruno Erdmann e começou a estudar geografia, ainda nos anos 70 do século XIX, com Theobald Fischer.

Toni, uma das suas irmãs, adoeceu então. A família mudou-se para Kiel, porto de mar situado ao norte, por ser a cidade de residência do especialista que cuidaria dela. Franz acompanhou a família. Estava alegre por voltar a conviver com as irmãs e os pais. Estava alegre de saber que dois dos seus mestres mais amados também estavam em Kiel, e com eles voltou a estudar com afinco. Preparou magnífica tese de doutorado em física sobre a cor da água do mar, sob a orientação de Theobald Fischer, problematizando a questão da percepção do olho humano na observação dos fenômenos físicos. *Beitrag zur Erkenntniss der Farbe des Wassers (Contribuição ao Estudo da*

Cor da Água) foi publicada em Kiel em 1881. Jovem adulto, tinha já aquele toque genial de petulância intelectual que permitia desafiar uma física de observação puramente kantiana, interrogando-se a respeito do papel do observador.

Ecoss da América distante entoavam um cântico de atração em seus ouvidos. Um tio muito querido, Abraham Jocabi, que havia emigrado para Nova York, viajou no verão para Minden e visitou a família. Chegou também outra emigrada que vivia nos Estados Unidos, que veio visitar a terra natal: a senhora Krackowizer, mãe de duas moças chamadas Alice e Marie. É com o tio Abraham e com a senhora Krackowizer e suas filhas que os irmãos Hedwig, Anna e Franz viajaram para as montanhas, no ardor do verão. Ardor também que reuniu, num abrir e fechar de olhos, os corações de Marie e Franz, que se olharam, se falaram e se gostaram. Uma atração fortíssima reuniu os dois; os passeios pelas montanhas ensejaram trocas de juras; a luz do céu estrelado favoreceu uma sensação básica de integração nas coisas do mundo, às longas horas diurnas do verão se prometeram e se comprometeram para toda a vida. Franz começou a se desprender internamente da preeminência que, com grande respeito, conferia a seus pais, e da cumplicidade fraterna que o reunia a suas irmãs desde os primeiros anos de vida. Como num passe se mágica, dali em diante, onde estivesse Marie, seu tesouro, aí estaria o seu coração.

“Os objetivos de meus estudos”, dizia então Franz Boas,

“variaram bastante durante meus anos de universidade. No curso do tempo convenci-me de que minha *Weltanschauung* materialista anterior – muito compreensível para um físico – era insustentável, e com isso situei-me num novo ponto de vista, que me revelou a importância de se estudar a interação entre o orgânico e o inorgânico, acima de tudo entre a vida das pessoas e seu ambiente físico. Com isso surgiu meu plano de considerar como tarefa de minha vida a investigação seguinte: até que ponto podemos considerar os fenômenos da vida

orgânica, em especial os da vida psíquica, de um ponto de vista mecanicista, e que conclusões podem ser formuladas a partir dessa consideração?”.

Numa carta escrita a Abraham Jacobi, o tio residente em Nova York, referiu-se de forma clara à viagem que estava para fazer à Terra de Baffin e que áreas científicas abrangeria. Tinha a consciência de ser um pesquisador novato e solitário ante o desconhecido. Sobre sua viagem de campo à Terra de Baffin, no Canadá, iniciada em 1883, deixou o seguinte comentário em carta:

“Meus instrumentos estão em ordem. Estou tomando providências, de modo que os assuntos de trabalho fiquem em ordem. É lógico que eu gostaria muito de ter um companheiro cientista, mas ninguém apareceu até agora. Um trabalho em todos os campos é demais para mim, como o senhor deve imaginar. Portanto, vou me limitar à cartografia, à geografia física, à botânica, à etnografia, deixando de lado a zoologia e a geologia. O resto já vai me dar dores de cabeça suficientes”.

Desprendendo-se nesse momento a terra natal, deixa-se embarcar num longo rito de passagem entre os inuítes, que o faria trocar as antigas vestes culturais, que se consolidariam com a mudança para os Estados Unidos, anos mais tarde. Deixando o calor da família de seus pais, das irmãs e dos primos, seus sentimentos se acenderam com o calor da atração por Marie. Saía da piedade filial para o amor romântico, aspecto profundo de seu rito de passagem, que envolvia então o sentimento adulto que tinha por uma mulher.

Ainda assim a proteção dos pais se fez sentir. Ficou combinado que o marido de Mathilde – a servidora que levava a chaleira da água dos banhos na casa de campo da família – acompanharia Franz, que partiria em breve, do porto de Bremen para a Terra de Baffin. Ele viajaria acompanhado. Não de um colega cientista, que alegou nunca ter aparecido, mas de Wilhelm Weicke,

pessoa que já convivia com sua família nos tempos de Minden e também de Berlim, fiel servidor da família tanto quanto sua dedicada mulher.

Conhecimentos novos, nova adesão sentimental. Terras novas, novos descobrimentos, novas perspectivas e molduras do saber: eram sinais também de uma nova disciplina que iria surgir. Na biografia de Franz Boas se misturavam e se combinavam, com um colorido apaixonante, um velho mundo, um mundo velho que ele foi deixando se diluir dentro do peito e da mente, e um mundo novo que foi lentamente recebendo o influxo de novas formas e novos conteúdos, como se o ar frio do convés da escuna Germânia trouxesse maior lucidez às idéias e uma incrível disposição para o desconhecido.

Partiu munido de presentes do espírito e presentes materiais. Com o dinheiro enviado pelo tio, ele comprou o equipamento necessário conforme narrou em carta:

“Tenho três relógios ‘Prismenkreiss and Horizont’, um teodolito geodésico para medir distância e uns menores para medir ângulos, um grande compasso, barômetro, termômetro, higrômetro, aneróide e uma máquina fotográfica. Um pequeno barco-trenó para transportar provisões, espingardas e munições, alimento para doze meses, peles e roupas de lã. Estes são os itens mais importantes. O senhor sabe qual é o meu trabalho. Estou ansioso por descobrir se terei sorte nos meus planos científicos. O plano é de qualquer modo amplo, embora suficientemente específico para que eu deva ter algum êxito. Para a viagem, conto com o apoio da Comissão Polar da Alemanha e de um baleeiro escocês que fica atracado em Kikkerton”.

Sobrevieram enjôos diários a bordo do barco. Ejetando o conteúdo do estômago, Franz ejetou igualmente o seu passado. Era preciso estar leve e vazio para realizar os ritos que implicavam novas aquisições e novas entradas. Os grandes jejuns religiosos são pródigos em sintomas assim. É preciso estar inteiramente oco para receber uma

substância distinta de vida que, no jovem pesquisador, era o novo conhecimento, coligado com o novo sentimento.

No dia 9 de julho de 1883 o Germânia lançou âncoras no porto de Anarnitung, na Terra de Baffin. Franz Boas e seu servidor Wilhelm Weicke chegavam à nação inuíte. Começava então uma pesquisa etnográfica totalmente original na história das ciências humanas: o pesquisador se dispôs a permanecer um ano vivendo com a sociedade a ser pesquisada e, mais que isso, como um membro dessa sociedade.

A pesquisa de campo no Ártico era desafiadora, exigente, difícil. Sobreveio um inverno duríssimo, e o pesquisador comentou, numa carta, que estava num iglu, tomando parte numa grande festa. Alguém caçou duas focas, trouxe-as para a aldeia, e sua carne estava sendo distribuída de modo tal que cada um recebeu um pedaço. Ele admirou então o belo costume desses “selvagens” (aspas de Boas), que sofriam em comum a carência e a privação, mas que se alegravam juntos quando havia caça abundante, reunindo-se para comer e beber. E comentou com Marie:

“Muitas vezes me pergunto que vantagens nossa ‘boa sociedade’ tem sobre a dos ‘selvagens’. Quanto mais eu vejo seus costumes, mais reconheço não termos o direito de olhá-los de cima para baixo. Onde, no nosso povo, poder-se-ia encontrar esta hospitalidade verdadeira? Nós, pessoas ‘altamente educadas’ somos bem piores, relativamente falando. Os esquimós estão sentados em roda, com suas bocas cheias de fígado cru de foca (a mancha de sangue no verso do papel mostra a você como eu estava tomando parte)”.

Sobreveio, após um momento esplêndido da sua observação e da sua reflexão, o tempo em que conhecimento e sentimento pareceram fundir-se numa assertiva única. Era um momento da observação em que o homem enunciava um pensamento e o pesquisador, um conhecimento. O extraordinário é a afirmação estar registrada numa carta de amor:

“Como ser pensante, o resultado mais importante desta viagem, para mim, está no fortalecimento do meu ponto de vista de que a idéia de um indivíduo ‘culturado’ (culto), é simplesmente relativa: o valor de uma pessoa deve ser atribuído pela sua *Herzenbildung*. Esta qualidade está presente ou ausente entre os esquimós tanto quanto entre nós. Tudo o que um homem pode fazer pela humanidade é propiciar a verdade, seja ela doce ou amarga. Um homem assim pode verdadeiramente dizer com convicção que não viveu em vão”.

Quando de sua vinda para a costa noroeste do Pacífico, em 1886, Boas passou por Londres, tendo uma acolhida favorável a seu trabalho de campo pela Canadian Royal Society. Nessa ocasião, esteve com Tylor, encontro que foi referenciado na carta acima.

Boas, que em 1888 havia se casado, agora era pai de família. Marie deu à luz uma menina, Helene. De Worcester, no estado de Massachusetts, escreveu à irmã Toni. Lamentou-se de ter trabalhado relativamente pouco no seu já vasto material etnográfico. Em compensação, afirmou com convicção e bom humor o quanto seu interesse havia se voltado para a criança. Como era difícil educar! Ele e Marie se esmeraram em tornar a filha uma menininha independente, deixando que fizesse por si tudo que conseguisse. Ensinaram-na a arrumar suas coisas. Numa referência a seu passado com Toni e as outras duas irmãs, e também à educação que estava sendo dada à filhinha, ele desabafou: “Não há bosques, nem rios por aqui. Não é uma menina teimosa, é fácil conduzi-la”.

Nesse mesmo período Boas estava desenvolvendo intensa atividade museológica na cidade de Nova York. W. Puttman, também curador do Departamento de Antropologia do American Museum of Natural History, se propôs recomendar Boas mediante uma carta escrita ao presidente daquela entidade, Morris K. Jesup, no sentido de reforçar a proposta de Boas para que se efetuasse uma exploração arqueológica e etnológica das costas do Pacífico Norte, de

modo que se pudesse compreender melhor os contatos primevos entre as populações do continente asiático e do continente americano. Esse ramo da pesquisa ampliava, na direção da Sibéria, temas do trabalho de campo que já estava na mente de Boas desde a sua primeira ida aos kwakiutl, em 1886. Dizia W. Puttman em carta:

“Estou confiante que o esquema proposto pelo dr. Boas para uma investigação suplementar das condições pré-colombianas da América do Norte irá receber do senhor atenta consideração. O dr. Boas, na sua apresentação do assunto, deu-nos um plano abrangente e, visivelmente, de vastas proporções. É altamente improvável que tal plano possa ver posto em prática a não ser que vários patrocinadores ricos da pesquisa científica se interessem pela sua realização. Tenho esperança de que outros juntar-se-ão ao senhor para prover os meios para realizar esta importante pesquisa, cujo esquema eu apóio irrestritamente, e peço urgência na sua execução, sob a direção do museu”.

As expedições tiveram início em fevereiro de 1889. Começou um enorme esforço etnográfico, desempenhado pelo próprio pesquisador. No continente europeu o momento coincidia com o início da publicação da obra de Émile Durkheim, aliás nascido também em 1858, como Boas, e, tal como ele, de origem judaica, bem como de um grupo de alta capacidade interpretativa que fez avançar a antropologia francesa. Na França, o campo da etnografia caminhou *pari passu* com o trabalho de Boas na Alemanha e, agora, no continente americano. Mas enquanto Émile Durkheim e Marcel Mauss dependeram da qualidade das anotações de campo obtidas por terceiros, foi o próprio Boas, mais uma vez, que foi ao campo e ali recolheu a sua preciosa etnografia.

A década de 90 do século XIX na França inaugurou a primeira fase da grande revista dirigida por Durkheim, denominada *Année Sociologique* (1898). Publicaram-se artigos que tratavam dos sistemas de representação mental, sobre os quais Boas também escreveu, designando-os como *mitologia* (*Mitho-*

logies). Simultaneamente, Boas trabalhou em orfanatos judeus da cidade de Nova York, fazendo antropometria de crianças e adultos. Sua formação virchowiana fez dele um fino antropólogo físico, que herdou de Rodolf Virchow a mestria em lidar com os antropômetros. É dessa época, igualmente, a primeira versão de seu famoso artigo “Changes in the Bodily Form of Descendants of Immigrants” (“Mudanças na Forma Corporal de Descendentes de Imigrantes”), que só terminaria em 1911.

Assim, no alvorecer do século XX, Franz Boas já estava na Universidade de Colúmbia. Era pai de mais um filho, um menino, Ernst. Estava tentando morar perto da universidade, mas os aluguéis caríssimos obrigaram a família a se estabelecer longe de Riverside Drive, onde fica o *campus* da Universidade de Colúmbia. Foram morar numa casa simples, porém confortável, em Grantwood, em Nova Jersey.

Das viagens de campo à Colúmbia Britânica voltou sobraçado de peças rituais, máscaras, instrumentos musicais e objetos de uso cotidiano das culturas da região. Particularmente dos kwakiutl, sociedade indígena cuja língua Boas estudou até o final da vida e sobre a qual escreveu um texto original sobre o *potlatch*, o famoso sistema de trocas agonísticas que caracteriza seu principal ritual.

Na primeira década do século XX, o antropólogo não somente reforçou o perfil intelectual e público de crítico do evolucionismo e do racismo, já que ainda ecoavam nos meios universitários norte-americanos suas duras investidas, como seu nome já apareceu citado respeitosamente nos trabalhos de Émile Durkheim e Marcel Mauss. E as citações de Boas que provinham da Escola Sociológica Francesa reforçavam seus achados etnográficos, contra um certo teorismo que desgostava os dois mestres franceses.

Sereno e profundo, Boas estava iniciando três novos focos de interesse: a lingüística, as relações raciais e a arqueologia. Impressionado com a complexidade incomensurável da língua kwakiutl, começou a se organizar mentalmente para

uma pesquisa coletiva de largo espectro: recolher e analisar, pelo trabalho conjunto de uma equipe de pesquisadores, as línguas indígenas da América do Norte, plano que viria a ser mais tarde o *Handbook of North American Languages*, empreendimento cujo fôlego só é comparável a uma outra grande obra coletiva posterior, *Handbook of South American Indians*, organizado e editado bem mais tarde por Julian Steward. Sua introdução ao *Handbook*, escrita em 1911, é um texto que revoluciona a lingüística das línguas indígenas e antecede mesmo à notável contribuição de Ferdinand de Saussure.

O estudo das relações raciais se impôs ao espírito lúcido do antropólogo em função da forte segregação racial que caracterizava a sociedade norte-americana naquele tempo, muito mais forte que a de hoje. Chocou-o a ausência de direitos civis dos negros americanos que, em alguns estados, não tinham direito ao voto, iam a escolas separadas, viviam em bairros apartados, estavam proibidos de sentar-se nos bancos da frente das conduções públicas, disputavam de banheiros públicos segregados, não iam às mesmas universidades, nem aos mesmos templos; tinham uma cidadania subalterna, portanto. Em termos concretos, não eram pessoas, nem mesmo indivíduos, eram coisas, como no tempo do cativo, quando os escravos tinham a condição de verdadeiros semoventes. Preparando já em 1906 os esboços de um livro que lançaria cinco anos mais tarde, chamado *The Mind of Primitive Man*, e que ele, particularmente, achava que deveria ter denominado *Race, Language and Culture*, trocou uma correspondência altamente esclarecedora com o sócio Felix Adler, entre outros, sobre questões de raça.

A terceira área de interesse realizou-se no México. Cientista-cidadão, Boas acompanhou com interesse a história contemporânea do México, seja na sua manifestação camponesa, urbana, ou intelectual. O futuro patrono da antropologia mexicana, Manuel Gamio, fez mestrado na Colúmbia sob sua orientação, nove anos depois de Alfred Kroeber. São dois alunos de fôlego; o pri-



meiro pretendeu abrir oportunidades para a pesquisa antropológica no seu país, logo após a Revolução de 1910; o segundo, mais tarde, foi um dos criadores e artífices do Departamento de Antropologia da Universidade da Califórnia.

Franz Boas exerceu poderosa influência sobre a antropologia mexicana moderna, não somente pela direção da *escuela*, e pela presença constante no trabalho de campo, mas por uma forte permeabilidade de toda a geração de antropólogos que o acompanhou em muitos de seus escritos, entre eles os de antropologia física, lendo-os e citando-os. Não foi à toa que Manuel Gamio, fundador da moderna antropologia mexicana, aluno de mestrado de Boas em Colúmbia e que realizou trabalho de campo no México em sua companhia, devotou a ele elevada amizade intelectual. Também não foi à toa que Juan Comas, o maior antropólogo físico

mexicano de origem espanhola, chegado ao México na grande leva de sábios fugidos da vitória franquista na Guerra Civil Espanhola, e que é certamente também um dos nomes mais elevados da antropologia daquele país, devotou a Boas veneração filial. Toda a antropologia mexicana, aliás, deve a Boas um vasto quinhão.

Chegaram os *teens* do novo século. Boas os inaugurou com a publicação de *The Mind of Primitive Man*, pela MacMillan em 1911, o marco mais importante da antropologia desde *Primitive Culture*, de E. B. Tylor, no tocante à delimitação da noção de cultura, com total claridade. Noção de cultura essa que supera a tyloriana, contida em *Primitive Culture*, meramente descritiva e enumerativa, ao passo que a boasiana é interpretativa.

The Mind of Primitive Man é dividido em três grandes seções, denominadas, respectivamente, “Race”, “Language” e “Culture”, assuntos que constituem exatamente o nome de um futuro livro, uma compilação de numerosos artigos seus de 1940 pela mesma editora. Depois dos livros *Baffinland* e *The Central Eskimo*, monografias resultantes de trabalhos de campo etnográficos, e que o autor considerou eminentemente descritivos, vieram vários artigos de cunho metodológico que iluminaram o campo intelectual da antropologia tanto quanto a produção escrita da primeira série da *Année Sociologique*, na mesma década.

The Mind of Primitive Man correu o mundo na versão original e recebeu várias traduções. É um marco não somente por separar a noção de raça da noção de cultura, mas por restringir, por encolher o campo da primeira, em privilégio da segunda. E isso sem jamais anular o campo da antropologia física, o qual se aproximou, mais e mais, da antropologia biológica e da biologia humana, ampliando um domínio fértil para o diálogo entre biólogos e geneticistas, que não cessaria jamais de crescer. As associações de antropólogos físicos, já fortíssimas em vários países da Europa Ocidental e Oriental e também nos Estados Unidos, receberam impulso decididamente moderno com as noções boasianas. Puderam

tornar-se livres de quaisquer postulados racistas e, por isso mesmo, férteis para o enfrentamento de novas questões, com o papel da miscigenação na vida dos povos, a influência do ambiente nas transformações biológicas e, mais tarde, o encontro fecundo com a genética humana.

A atualização sofrida pela antropologia física, agora tornando-se cada vez mais uma antropologia biológica, processo altamente favorecido pelos numerosos trabalhos de Boas, dentre os quais *The Mind of Primitive Man*, não se fez sem provocar muitos e fortes descontentamentos dos antropólogos físicos de tendência conservadora, especialmente os de coloração política direitista, posição da qual os nazistas viriam a ser os principais herdeiros. O acontecimento máximo dessa corrente eram os Congressos de Eugenia, cujos trabalhos faziam a apologia aberta das teses da pureza racial, e até mesmo no âmbito de uma política de Estado, como ficaria claro, a partir da década de 1930, quando as medidas de orientação racista começaram a ser implementadas como política pública, quando os nazistas chegaram ao poder na Alemanha.

Outrossim, sabe-se do extremo interesse que a lingüística despertava no mestre. Com a prévia publicação do *Handbook of North American Languages*, para o qual Boas escreveu notável introdução, que por si só justifica plenamente sua publicação, e que veio enriquecer de modo destacado esse trabalho dedicado ao estudo das línguas indígenas, viriam a se consolidar ainda mais os estudos lingüísticos na comunidade antropológica. Assim, a sua proposta de publicação de uma revista de periodicidade regular, num tema não somente valioso por si próprio, mas crucial para o entendimento da relação entre cultura e língua, foi algo fundamental para que se consolidassem a lingüística e a antropologia nos Estados Unidos.

O início da década de 20 foi turbulento, nos Estados Unidos, em decorrência de crises políticas, sociais e econômicas menores, mas que pronunciavam o grande desastre de 1929. A vida do antropólogo não era menos fervilhante: dois episódios, um de *citizenship*, outro de *scholarship*,

agitaram a sua vida pública. O primeiro foi a sua participação na ação judicial contra imigrantes armênios, vindo em sua defesa. E o segundo, a sua suspensão da American Anthropological Association. Com a moda dos Congressos de Eugenia da década de 20, que eram apenas uma das faces da acentuação do racismo na sociedade americana, Boas enfrentou duas situações dignas de nota da sua vida pública. Ele havia escrito uma denúncia do trabalho de campo etnográfico que se punha a serviço do Departamento de Estado dos Estados Unidos, o que na prática fazia com que alguns antropólogos agissem como informantes do governo americano e de seu serviço secreto, em troca de financiamento para suas pesquisas. Tal documento não foi aceito pela revista *Science*, editada por J. McKeen Cattell, ex-professor de Colúmbia, por entender que esse periódico científico deveria evitar questões polêmicas, que pudessem ser interpretadas como dotadas de caráter político. Boas, então, recorreu ao *The Nation*, enviando, sob forma de carta à redação, o texto que saiu publicado em 16 de outubro de 1919, sob o título “Scientists as Spies”. Em Colúmbia, ele deu um curso que ficou célebre, denominado simplesmente “Methods”.

A título comparativo, vale dizer que esses anos do século XX não seriam menos dramáticos para o grupo cujo nome foi consagrado como Escola Sociológica Francesa, com os desastres da Primeira Guerra Mundial, que teve na França um dos campos de batalha mais destacados. Émile Durkheim perdera no fronte balcânico o filho André, em quem depositava tantas esperanças de continuidade intelectual. Desmantelara-se a equipe de edição regular da *Année Sociologique*. Muitos destacados colaboradores da revista e membros representativos desse grupo de sociólogos e antropólogos também perderam a vida durante esse conflito. Um dos mais promissores deles era o jovem antropólogo Robert Hertz. O próprio Durkheim não resistiu e morreu em 1917, aos 59 anos, de ataque cardíaco, em consequência do sofrimento pela perda do filho. Coube a Marcel Mauss

e a alguns colaboradores remanescentes organizar a segunda série da revista, na década de 20.

Foi esse um momento de insuspeitada aproximação etnográfica e interpretativa entre Franz Boas e Marcel Mauss. Ambos estavam trabalhando no âmbito das representações mentais, o que ocorreria com o primeiro quando da redação e publicação, em 1927, de *Primitive Art*, por uma instituição sediada em Oslo, Noruega, denominada Instituttet for Sammenlignende Kulturforskning, ao passo que coube a Mauss a publicação de notáveis ensaios sobre o corpo, a noção de pessoa e o sistema de troca de presentes na organização social: o “Essai sur le don” foi publicado em 1923-24.

A agitação nos meios antropológicos foi grande. A referida carta, que levantava um grande problema ético, foi objeto de reação da Anthropological Society of Washington, que emitiu um pronunciamento, enviado à American Anthropological Association (AAA), para ser lido em sua reunião de dezembro de 1919. A Anthropological Society of Washington pedia uma rejeição geral do texto de Boas, e resolveu que o autor deveria ser alvo de censura, que foi aprovada por maioria de dois terços dos associados da AAA.

O quadro doméstico dos Estados Unidos repercutia a difícil situação internacional dos anos 30. Racismo e direitismo se combinavam de forma não raro agressiva. Numa carta ao professor Adolf Berle, Boas manifestou suas preocupações de modo concreto, por meio da proposta de realização de cursos temáticos sobre o que chamou de teoria racial em estabelecimentos acadêmicos do país:

“Tendo em vista a agitação atualmente em nosso país, me parece importante que sejam oferecidos cursos sensatos de teoria racial e de significado das raças nos *colleges* e nas universidades. Eu próprio me organizei para dar um curso desse tipo em Colúmbia no próximo inverno, e um outro curso semelhante, apesar do ponto de vista distinto, será dado no Departamento de Psicologia pelo dr. Otto Klineberg [autor do livro *Race*



Differences]. De fato, no City College [de Nova York], um curso de extensão desse tipo está sendo dado pelo professor Rudiger Bilden [a quem Gilberto Freyre era muito ligado], o qual, no meu entender, torna claros os pontos essenciais. Estou muito desejoso de que esse curso seja dado regularmente no próximo ano”.

Com sua atuação cada vez mais importante nos comitês dos direitos civis, que procuravam contra-arrestar a crescente entrada de idéias fascistas e mesmo nazistas nos Estados Unidos, o antropólogo desempenhou, em 1940, papel dos mais importantes de mediação diplomática por ocasião do chamado episódio Paul Rivet, quando pressionado pelo governo de Vichy. Na França ocupada, anos mais tarde, teria de se decidir sobre a sua mudança para a América, fosse para o México, fosse para os Estados Unidos, o que finalmente ocorreu. Boas, nesse momento, voltou a fazer uso extensivo de suas forças ainda notáveis, apesar de diminuídas na sua amplitude e duração. Foi justamente aos 80 anos que sua longa carreira científica chegou ao apogeu, em 1938.

Nesse ano de 1938 deu-se a invasão da Universidade de Heidelberg pela SS.

Tratava-se da tropa de assalto hitlerista, comandada por Heinrich Himmler e diretamente subordinada ao *Führer* e que dispunha de *status* que chegava a ser paralelo – e, às vezes, claramente superior – aos quadros institucionais da Wehrmacht, o exército alemão. A SS depredou a biblioteca e atirou, numa imensa fogueira armada no pátio universitário, os chamados livros perigosos, obviamente, para o nazismo. Nessa fogueira foram atiradas às chamas as obras de Marx, de Lênin, de Freud e de Boas, entre muitas outras. Apesar do obscurantismo militante desse terrível ato, que se encadeou às perseguições mais hediondas, que atacavam judeus, esquerdistas, liberais, homossexuais, o antropólogo militou a favor da causa dos direitos civis, destacando suas atividades no American Committee for Democracy and Intellectual Freedom, de cunho público e societário, e mantendo-se à frente da New School for Social Research, de cunho acadêmico. Foi a New School que se envolveu diretamente com o problema de extradição do antropólogo francês Paul Rivet, fundador do Musée de l’Homme de Paris. O governo de Vichy ocorreu depois da queda da França, em 1940, logo no início da Segunda Guerra Mundial, exerceu autoridade vigiada sobre a parte meridional da França, não ocupada diretamente pelas tropas alemãs, e esteve sob a presidência do marechal Philippe Pétain, preso e condenado após a derrota alemã.

Ao mesmo tempo, no plano puramente acadêmico, Boas acelerou seus difíceis labores lingüísticos trabalhando na gramática kwakiutl. A MacMillan, sua editora, propôs a publicação de vários e reedições, entre artigos, críticas e pequenas monografias, que viriam a configurar um novo livro, que se chamou, agora de modo muito justificado, *Race, Language and Culture* (1938). Simultaneamente aos trabalhos de orientador de teses de um punhado de alunos que resolveram, por convicta sugestão sua, pesquisar no Brasil, ofereceu regularmente seu curso de antropologia na Universidade de Colúmbia. No final dos anos 30, a atividade epistolar boasiana continuou digna de nota. Vários interlocutores estrangeiros,

americanos e naturalizados – ingleses, franceses, alemães, mexicanos e brasileiros – se orientaram ou se congratularam com o mestre sobre assuntos políticos, sociais e mesmo de pesquisa. Essa rica fase epistolar evidenciou a que altitude havia chegado a pessoa de Franz Boas, nos Estados Unidos e no mundo. E como se isso não bastasse, qualquer gesto seu que salientasse, acadêmica ou societariamente, algum aspecto conflitivo dos Estados Unidos e do mundo desencadeava, instantaneamente, uma enxurrada de telegramas.

A respeito de Paul Rivet, seu nome voltou a aparecer na correspondência boasiana depois da eclosão da Segunda Guerra Mundial, junto com o de outros cientistas sociais perseguidos pelos nazistas ocupantes da França e pelos colaboracionistas de Vichy. Dentro de um mesmo clima de época, Claude Lévi-Strauss escreveu a Franz Boas tentando resolver o problema da deportação de Henri Lehmann e Paul Rivet, ambos antropólogos franceses de renome. O cerco aos pensadores e intelectuais judeus estava se estreitando na Europa no decorrer da Segunda Guerra Mundial, e a França ocupada, assim como a que estava sob o regime de Vichy, apresentava perigos para tais pessoas. A abordagem antropológica, apesar de toda a sua profundidade, ainda não havia sido suficiente para evitar a irracionalidade política que tomava conta de boa parte do mundo. E, nesse sentido, percebia-se claramente o abismo entre o pensamento renovador das ciências humanas, com especial destaque para a antropologia, e a política de ódio racial, que no nazi-fascismo chegaria a formular a idéia de uma limpeza étnica.

Lehmann era judeu, e sua vida corria perigo se ficasse na França. Rivet, que não o era, igualmente corria risco, dada a sua militância socialista, antifascista, antirracista e, depois da queda da França, por haver organizado um núcleo de maquis no Museu do Homem de Paris, de que fez parte o brasileiro Paulo Duarte, então refugiado do Estado Novo e estudando na instituição. Por isso, foi de especial importância a luta de Claude Lévi-Strauss, que já se encontrava nos Estados Unidos, junto com Boas, para

que se pudesse tirar Rivet da França, tal qual Lehmann. É ilustrativa disso uma das cartas de Lévi-Strauss a Boas:

“[...] Ouvi do dr. Paul Rivet que ele acaba de lhe escrever para avisar a chegada em breve de Henri Lehmann a Nova York. Ele chegou há quatro dias e está detido em Ellis Island e em perigo de ser deportado. O serviço de imigração não acredita que seu visto colombiano seja válido e deram-lhe igualmente um visto americano de visitante (de modo que ele possa permanecer algumas semanas com a mãe que mora aqui); suspeitam que ele tenha a intenção de ficar nos Estados Unidos. Uma vez que não se espera nenhuma ajuda para ele da Fundação Rockefeller, Henri Lehmann pretende ir para a Colômbia tão cedo quanto possível. Ele deseja retornar a sua pesquisa científica, mas, se não conseguir nenhuma quantia, será mais fácil para seus pais sustentá-lo se ele morar na América do Sul, tendo em vista o custo de vida mais baixo. Estamos tentando tirá-lo agora. O advogado de Henri Lehmann acredita que ajudaria muito o envio de uma carta redigida pelo senhor e dirigida a quem interessar possa, dizendo que o senhor foi informado pelo dr. Paul Rivet, diretor do Instituto Etnológico de Bogotá, de que está esperando sua chegada em breve na Colômbia, para iniciar uma missão científica para a qual foi indicado. Tão cedo receba esta carta, o advogado irá a Washington para discutir o caso com as autoridades da Imigração. É desnecessário adicionar que se trata de um caso urgentíssimo. Espero que o senhor me desculpe meu mau inglês, mas como o senhor sabe eu estava recém-chegado quando lhe fui apresentado há dois meses pela dra. Ruth Benedict. Devo me desculpar também por perturbá-lo durante suas férias. Tomei essa liberdade tendo em vista a gravidade do caso. Sinceramente, Claude Lévi-Strauss”.

Esse documento magnífico, datado de 25 de agosto de 1941, nos permite saber que foi apenas dois meses antes, ou seja, em junho de 1941, que Claude Lévi-Strauss foi apresentado a Franz Boas. Parece que

o encontro ainda não selava uma amizade intelectual que cresceu muito depois, e que durou apenas um ano, pois sabe-se que o primeiro estava presente no almoço do Faculty Club da Universidade de Colúmbia em 21 de dezembro de 1942, em que Boas, após o almoço, veio a falecer de um colapso. Ainda em 31 de agosto de 1941, uma carta trocada entre Lévi-Strauss e Franz Boas permite terminar este capítulo com uma nota jocosa, o fato de Boas haver pensado que Claude fosse Cláudia, numa troca epistolar em que respondia a uma carta dirigida a sua pessoa pelo antropólogo francês. Dizia Lévi-Strauss a Boas que se manifestava favoravelmente à resolução dos problemas relativos ao asilo dos dois antropólogos franceses já referidos:

“Prezado dr. Boas: muito obrigado por sua carta delicada. Eu estava naquele momento no escritório do sr. Abelson, quando a secretária dele me trouxe a carta de Rivet a qual, penso eu, mostrar-se-ia muito útil para nos ajudar no caso de Henri Lehmann. Tanto ele quanto eu somos muito gratos ao senhor por ter nos proporcionado a oportunidade de examinar o referido caso tão rapidamente. Gostaria tão-somente de adicionar algumas palavras, de modo que lhe faça saber que não sou uma mulher [*I'm not a lady*, no original]. Eu vi o senhor por um período tão breve que imagino que não se lembre de mim. Eu sou antropólogo que foi professor na Universidade de São Paulo e agora está na New School for Social Research, e foi apresentado ao senhor na Universidade de Colúmbia pela doutora Ruth Benedict há dois meses. Ficarei feliz de agradecer-lhe mais uma vez quando o senhor estiver de volta a Nova York. Sinceramente seu, Claude Lévi-Strauss”.

O almoço no Faculty Club da Universidade de Colúmbia ao final do qual Boas veio a falecer em 21 de dezembro de 1942, sabe-se que o compartilhava entre outros com Paul Rivet, Claude Lévi-Strauss e o brasileiro Paulo Duarte. Sobre os últimos momentos de Boas, Duarte descreveu-os em minucioso livro em que recapitulou a

obra científica, as idéias sociais e a ação política de seu amigo e mestre Paul Rivet, por cuja liberdade Boas tanto havia se empenhado:

“[Boas] disse que a estada de Rivet em Nova York foi uma delícia até o penúltimo dia. De fato, na véspera do seu regresso ao México resolveu ele oferecer, no restaurante da Universidade de Colúmbia, um almoço a Franz Boas, agradecendo tudo quanto este lhe fizera em Nova York. Para esse almoço íntimo fomos convidados apenas alguns íntimos de Rivet e do ilustre professor que o acolhera. Um dez pessoas apenas, dentre as quais uma filha de Boas, médica, e que acompanhava sempre o velho professor, já com 84 anos. Decorreu a refeição agradavelmente, e ao fim dela, Rivet pronunciou um pequeno discurso afetuosíssimo demonstrando o poder da ciência de aproximar os homens. A prova estava ali, com dois cientistas, cujos países se hostilizavam tradicionalmente através da estupidez dos políticos e, no entanto, nem duas conflagrações puderam abalar a amizade existente desde antes de 1914 entre um estudioso francês e outro estudioso alemão. Àquele instante mesmo, em que uma guerra feroz ameaçava o mundo, ali naquele canto pacífico de uma universidade ainda era possível um encontro entre dois velhos professores e alguns alunos completamente alheios ao desespero que raiava lá fora. E Rivet descreveu a amizade entre os dois, que passaram longo tempo sem se conhecer pessoalmente, unidos estreitamente apenas pelas coisas do espírito. Franz Boas levantou-se emocionadíssimo para responder. A felicidade brilhava em seus olhos avermelhados, cheios de fadiga, mas onde luzia ainda uma mocidade espiritual estu-penda. Levantou-se, pois, o velho professor e abrindo os braços, como para abraçar o velho colega em frente à pequena mesa, começou o seu agradecimento: ‘Meu querido Paul Rivet...’. Disse isso, inclinou-se um pouco e caiu devagarinho de bruços sobre a mesa! Franz Boas estava morto! Morrera de alegria... Só as coisas do espírito podem matar de alegria...”.